

A (RE)CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA DA CHARQUEADA SÃO JOÃO: O CASO DO ESPETÁCULO “A DANÇA DOS ORIXÁS”.

MARIANA LOPES VEIGA¹; LUCIO MENEZES FERREIRA²

¹*Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – mariana-veiga@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – luciomenezes@uol.com.br*

1. INTRODUÇÃO

11,6 milhões. Esse foi o número estimado de africanos sequestrados, embarcados em navios negreiros e enviados em direção às Américas para trabalhar de forma compulsória nas plantations, fazendas e engenhos, durante o movimento da diáspora africana pelo Atlântico (FERREIRA, 2009). Esses africanos, originários de diferentes povos, portadores de culturas milenares, trouxeram consigo seus saberes e fazeres, transformados ao longo de séculos, em solo americano, como forma também de resistência à escravização.

Localizada na região sul do estado do Rio Grande do Sul, Pelotas foi considerada a capital econômica da província, pois, graças a sua localização geográfica, prosperou na produção e exportação do charque, carne salgada ao sol, que trouxe à cidade riqueza e opulência traduzida em sua história, cultura, gastronomia e nas edificações que compõem suas ruas (MAGALHÃES, 2012). Mas não somente. O período conhecido como Ciclo do Charque, que chegou a contar com 38 complexos charqueadores, também trouxe para Pelotas centenas de homens, mulheres e crianças africanas, a quem a escravidão foi imposta, não somente na produção das charqueadas, mas também nas olarias, residências e demais atividades urbanas e rurais, a partir do final do século XVIII (ROSA, 2010).

O trabalho era extenuante e insalubre e realizado por cerca de dezesseis horas por dia nas charqueadas (GUTIERREZ, 2001). A resistência a este sistema escravista que lhes foi imposto era exercida de muitas formas e nas mais diversas situações, como na oposição ao trabalho, na fuga, no suicídio, nas revoltas, nos crimes contra a propriedade e seus senhores e na expressão cultural e religiosa (MAESTRI, 1984; MELLO, 1994; ROSA, 2012). Como resistência e, acima de tudo, fator humanizador e de conexão com seus ancestrais, ritos foram criados para não se perder o elo com suas origens, bem como reafirmar sua identidade cultural. Assim, no século XIX, surge o batuque, religião de matriz africana (AL-ALAM, 2007), que reúne dança, diversão, cerimônia religiosa ou fúnebre e servia como linguagem do sagrado, ligado diretamente aos orixás e, no caso das charqueadas, era o momento em que compartilhavam dores e sofrimentos, reafirmavam suas tradições culturais e armavam revoltas (CORREA, 1992; BRAGA, 1998; AL-ALAM, 2007).

Às margens do Arroio Pelotas e considerada um dos complexos charqueadores mais bem-sucedidos da época, a Charqueada São João encerrou suas atividades industriais em 1937. Desde os anos 2000 sua missão central se dá para fins turísticos, culturais e pedagógicos. Em maio de 2018 torna-se Patrimônio Cultural Brasileiro reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). A turistificação do patrimônio, no caso desta propriedade, se deu especialmente a partir da gravação das obras audiovisuais “A Casa das Sete Mulheres” e “O Tempo e o Vento”, o que ajudou a promover a atração de turistas de todo o país. Aqui passado e presente convergem.

Beirando o esquecimento, em um espaço de subalternidade, está a história e participação dos africanos escravizados na construção e na memória, não só da Charqueada, mas da cidade de Pelotas como um todo. Histórias com narrativas voltadas apenas de uma perspectiva elitista e nunca afrocentrada. A fim de romper com o silenciamento e servir como forma de resgatar evidências materiais no espaço de habitação dos escravizados e entender como ocorria a dinâmica sociocultural do território, em 2016 surge o projeto de escavação arqueológica na Charqueada e suas descobertas tornaram-se elementos fundamentais do percurso cenográfico do espetáculo "A Dança dos Orixás". Isso porque, além de colaborar na roteirização do espetáculo, a exposição "O Encantamento do Mundo: Objetos de Escravizados da Charqueada São João", utiliza-se dos itens encontrados sob a então senzala da Charqueada, como vidros, cachimbos, cerâmicas, louças, bibelôs, objetos metálicos, frascos de remédios e perfumes (MONTEIRO, 2016; FERREIRA, 2019). Esses objetos tornam-se fundamentais para a compreensão da cultura dos escravizados que ali habitavam.

Sob o toque de ogãns e através dos movimentos representativos de sete orixás: Bará, Ogum, Iansã, Xangó, Oxum, Iemanjá e Oxalá, a história da diáspora africana no local começa a ser escrita e o patrimônio da charqueada São João a ser ressignificado.

O presente resumo apresenta uma pesquisa em desenvolvimento no Programa de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, na linha de Memória e Identidade, que tem como objeto de estudo o espetáculo "A Dança dos Orixás", realizado na Charqueada São João. O Espetáculo, criado pela Cia de Dança Daniel Amaro, surge em conexão com as pesquisas arqueológicas desenvolvidas pelo Laboratório de Estudos Interdisciplinares de Cultura Material (LEICMA), coordenado pelo também orientador dessa pesquisa, Prof. Dr. Lucio Menezes Ferreira.

A proposta de pesquisa objetiva a reflexão sobre a ressignificação das memórias de um passado de sofrimento dos africanos escravizados no período conhecido como Ciclo do Charque, em Pelotas, através da construção de uma nova narrativa proposta pelo espetáculo "A Dança dos Orixás" e pela já referida exposição arqueológica. Visando responder à problemática, os objetivos específicos são: compreender como se deu a construção do Espetáculo e qual a percepção do público espectador.

A importância da pesquisa justifica-se porque, embora Pelotas seja reconhecida e considerada Patrimônio Cultural Brasileiro por sua história e opulência, é quase inexistente na narrativa, tanto dos atrativos turísticos e culturais, quanto do poder público em seus materiais institucionais, informativos e promocionais, a participação do negro escravizado nessa construção.

2. METODOLOGIA

Este resumo foi elaborado por meio de pesquisa qualitativa, através de revisão bibliográfica e documental dos temas que percorrem o problema de pesquisa.

Quanto ao critério metodológico da pesquisa de dissertação em andamento, enquadra-se como qualitativa, sendo sua técnica de coleta de dados o estudo etnográfico, com revisão de literatura, análise documental, entrevistas e história oral. Como técnicas de análise, serão utilizadas: observação participante, análise de discurso e análise de conteúdo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa encontra-se na fase de observação participante, revisão bibliográfica e estruturação do roteiro de entrevistas com os bailarinos e equipe coreográfica do espetáculo. Espera-se obter como resultados, subsídios suficientes para entender como se deu a construção do espetáculo até sua entrega ao público que, cabe ressaltar, não é formado apenas por pelotenses, podendo ser percebido através de registros, um público oriundo de diversas regiões do estado, transformando o espetáculo também em produto turístico.

Considerando que esta pesquisa encontra-se em andamento, vários objetivos e metas ainda necessitam ser desenvolvidos.

4. CONCLUSÕES

Os dados até então obtidos revelam aspectos da vida cotidiana dos africanos aqui escravizados e de que forma uma nova narrativa, em um espaço até então vinculado à dor, sofrimento e memórias traumáticas de um povo, pode ser fator determinante para uma política afro-reparatória. Demonstram que o negro não foi passivo à sua escravização e possui, sim, o protagonismo na história e na cultura da cidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AL-ALAM, Caiuá. C. **A negra força da princesa: polícia, pena de morte e correção em Pelotas (1830-1857)**. 2007. Dissertação de Mestrado. UNISINOS. São Leopoldo, RS.

BRAGA, Reginaldo Gil. **Batuque jêje-ijexá em Porto Alegre**: a música no culto aos orixás. Porto Alegre: Fumproarte/Secretaria Municipal de Cultura, 1998.

CORREA, N. **O Batuque do Rio Grande do Sul**: antropologia de uma religião afro-riograndense. Porto Alegre: EDUFRGS, 1992.

FERREIRA, L. M. **Sobre o conceito de arqueologia da diáspora africana**. Métis: História e Cultural, v. 8, n. 16, p. 267-275, jul./dez. 2009.

FERREIRA, L. M. **Quando os Tambores dos Ogãns Ritmam Saberes**: A Dança dos Orixás faz a Arqueologia Dançar. Diário Popular, Pelotas, p. 12, 10 maio 2019. Acessado em

10 de setembro de 2020. Disponível em <https://www.diariopopular.com.br/opiniao/quando-os-tambores-dos-ogans-ritmam-saberes-a-danca-dos-oxixas-faz-a-arqueologia-dancar-141044/>

GUTIERREZ, Ester J. B. **Negros, Charqueadas e Olarias**: Um estudo sobre o espaço pelotense. 2.Ed. Pelotas: Ed. Universitária/UFPel, 2001.

MAESTRI, Mario. **O Escravo no Rio Grande do Sul**. A charqueada e a gênese do escravismo gaúcho. Porto Alegre: EST, 1984.

MAGALHÃES, Mario Osorio. **Pelotas Princesa.** Pelotas: Diário Popular, 2012.

MELLO, Marco Antonio L. **Revistas, Batuques e Carnavais: A Cultura de Resistência dos Escravos em Pelotas.** Pelotas: Editora da UFPel, 1994.

MONTEIRO, Victor Gomes. **Uma Arqueologia das Paisagens da Escravidão na Cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul (1832-1850).** 2016. 218f. Dissertação (Mestrado em Antropologia com ênfase em Arqueologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, RS.

ROSA, E.J. **Identidade afro-brasileira:** um diálogo entre memória e cultura material. Memória em Rede, Pelotas, v.2, n.3, p.59-71, ago./nov.2010.

ROSA, Estefânia Jaékel da. **Paisagens negras:** arqueologia da escravidão nas Charqueadas de Pelotas/RS. 2012. 199 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.